

ASPECTOS HISTÓRICOS E SOCIOPRODUTIVOS DO ARTESANATO DE CAPIM DOURADO DAS SERRAS GERAIS DO TOCANTINS

Rafael Petry Trapp¹

Evilly Albuquerque da Silva²

João Pedro Pereira Barbosa³

Kalebe Cabral Cipriano⁴

Emerson Luiz Custodio dos Santos⁵

Resumo

O texto relata experiências e reflexões sobre o trabalho de memória com artesãs de capim dourado em Novo Jardim - TO e região. Baseado no projeto de pesquisa “Culturas do fogo e o artesanato de capim dourado de Novo Jardim – TO” (Edital PROPI-IFTO 77/2022), o estudo abordou a dimensão histórica e produtiva do artesanato, através de uma exposição fotográfica e reflexões mediadas por entrevistas com artesãs de Novo Jardim, Dianópolis e Rio da Conceição. Os resultados foram expressivos em termos de difusão social e produção de conhecimento científico sobre o artesanato de capim dourado das Serras Gerais do Tocantins, culminando em uma exposição no Museu Municipal de Dianópolis. No que diz respeito ao conhecimento sobre a cadeia social e produtiva do artesanato, constatamos que as artesãs (sobretudo de Novo Jardim) expressam grande preocupação quanto à sustentabilidade e viabilidade econômica de manutenção de seu ofício, e também na inclusão socioproductiva e para servir como exemplo positivo em Novo Jardim de geração de renda e trabalho com o uso dos recursos humanos, das referências culturais e dos bens naturais da própria região.

Palavras-chave: artesanato de capim dourado, história regional, Serras Gerais do Tocantins

INTRODUÇÃO

O artigo apresenta um relato de experiências e reflexões sobre o trabalho de memória desenvolvido junto à rede de coletores e artesãs de capim dourado em Novo Jardim - TO e

¹ Docente do IFTO/Dianópolis. e-mail: rafael.trapp@ifto.edu.br

² Estudante do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio – IFTO/Dianópolis. Bolsista do Programa de Iniciação Científica IFTO. e-mail: evilly.silva2@estudante.ifto.edu.br

³ Estudante do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio – IFTO/Dianópolis. Bolsista do Programa de Iniciação Científica IFTO. e-mail: joao.barbosa5@estudante.ifto.edu.br

⁴ Estudante do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio – IFTO/Dianópolis. Bolsista do Programa de Iniciação Científica IFTO. e-mail: kalebe.cipriano@estudante.ifto.edu.br

⁵ Estudante do Curso Superior de Engenharia Agrônômica – IFTO/Dianópolis. Bolsista do Bolsa Cultura IFTO. e-mail: nome@ifto.edu.br

demais municípios da região Sudeste do Tocantins, em especial no entorno da Estação Ecológica Serra Geral do Tocantins, com foco na dimensão histórica e socioproductiva do artesanato. Tendo como base o projeto de pesquisa “Culturas do fogo e o artesanato de capim dourado de Novo Jardim – TO” (Edital PROPI-IFTO 77/2022), trabalhou-se com a diversidade de expectativas e interesses dos atores socioinstitucionais do Sudeste do Tocantins para a elaboração de uma pesquisa aplicada que conversasse com as experiências, problemas técnicos e ideias das pessoas envolvidas na cadeia socioeconômica do artesanato de capim dourado, particularmente no município de Novo Jardim. Como principais resultados, apresentamos uma exposição realizada no Museu de Dianópolis e reflexões originadas de entrevistas com artesãs de Novo Jardim, Dianópolis e Rio da Conceição.

MATERIAIS E MÉTODOS

Os/as principais participantes da pesquisa foram as coletoras e coletores e as artesãs de capim dourado dos municípios de Dianópolis, Rio da Conceição e principalmente Novo Jardim. Conhecemos (sobretudo o coordenador) o trabalho das artesãs a partir da coleta do capim dourado realizada em diferentes finais de semana do mês de setembro de 2022, no Rio Palmeiras e no Ribeirão Orocal, na região do Gerais de Novo Jardim. Tal experiência nos ajudou a melhor compreender a complexa realidade que envolve a busca por matéria-prima e os desafios humanos, logísticos e ambientais correlatos. Abaixo, na figura 1, apresentamos imagens realizadas pelo coordenador nesses momentos.

Figura 1 - Coleta do capim-dourado no Rio Palmeiras e no Ribeirão Orocal (Novo Jardim - TO)





Fonte: Acervo do autor (Rafael Trapp).

Nas áreas úmidas e nas veredas do Rio Palmeiras e do Ribeirão Orocal, nos cerrados da região Norte do Brasil, a cerca de 40 km da sede do município de Novo Jardim, no sudeste de Tocantins, as artesãs da Associação Dourada de Artesanato realizam anualmente a colheita do capim dourado (*Syngonanthus nitens*) durante o período determinado pela legislação estadual (Naturatins) entre setembro e outubro. A atividade apresenta muitos

desafios para a sustentabilidade socioambiental, principalmente a dificuldade de acessar o capim em locais remotos, o transporte em veículos precários e a imprevisibilidade da paisagem das trilhas, frequentemente afetada por cicatrizes de incêndios descontrolados. As imagens ajudam a ilustrar a beleza e os obstáculos desse processo, mostrando a arriscada realidade dos coletores e coletoras que atravessam os rios para obter a matéria-prima do artesanato que tem sustentado dezenas de famílias em Novo Jardim nos últimos vinte anos.

O público atuante na Associação Dourada de Novo Jardim (em abril de 2023 eram 33 associadas regulares) é formado basicamente por mulheres negras (pretas e pardas) nascidas e criadas na região das Serras Gerais do Tocantins, mas também no Gerais da Bahia e do Piauí. Muitas artesãs têm origem familiar, portanto, no seio de povos e comunidades tradicionais do cerrado, como quilombolas e geraizeiros do Jalapão e de Formosa do Rio Preto. O perfil demográfico das artesãs é composto por uma maioria de mulheres de meia idade e idosas. Um bom número é de mulheres aposentadas, pessoas do lar e desempregadas ou sem ocupação definida; algumas são servidoras públicas, principalmente nos cargos de serviços gerais da Prefeitura de Novo Jardim; há mulheres que trabalham sazonalmente nas fazendas de soja da Bahia. A maior parte é arrimo de família. Foram cerca de 30 pessoas envolvidas como beneficiados diretos, ou seja, pessoas que se conectaram diretamente com os pesquisadores (coordenador e bolsistas) e a proposta de trabalho desenvolvida. Estabelecemos também relação com profissionais da Secretaria de Cultura e do Museu Municipal de Dianópolis, cerca de 5 pessoas, e com a Fazenda Morro Branco, de Novo Jardim, também 5 indivíduos. Pretendíamos fazer um trabalho conjunto com o ICMBio da ESEC de Rio da Conceição, mas infelizmente, por falta de recursos e transporte, não houve capacidade operacional. Nesse sentido, abarcamos parcialmente o quantitativos de agentes socioinstitucionais previstos no princípio.

Dando sequência ao que fizemos informalmente no segundo semestre de 2022, em fevereiro de 2023 ampliamos atividades em Novo Jardim, Dianópolis e Rio da Conceição para conhecer melhor a realidade socioproductiva das artesãs de capim dourado e o processo ambiental, econômico e técnico envolvido, sobretudo com o uso do fogo nas veredas da Fazenda Morro Branco, a qual tivemos acesso graças ao auxílio do trator e ao motorista da Prefeitura de Novo Jardim. Além disso, fizemos leituras dirigidas remotas com os bolsistas e reuniões com a Associação de Artesanato de Capim Dourado de Dianópolis e também de Rio da Conceição, a Naturatins e a Ruraltins de Dianópolis e de Almas. Durante o mês de

fevereiro, realizamos estudos sobre a planta do capim dourado, o ambiente das veredas e aspectos do extrativismo. Além disso, fizemos, professor e um bolsista, um curso de operador de drone que foi oferecido pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR) no Campus do IFTO - Dianópolis, entre 20/02 e 24/02/2023, no feriado do Carnaval.

Os trabalhos do grupo da pesquisa envolveram basicamente o diálogo com as artesãs de capim dourado de Novo Jardim, Dianópolis e Rio da Conceição. Os objetivos elencados no projeto supracitado não puderam ser alcançados por deficiências técnicas e orçamentárias. O automóvel do campus que nos permitiria fazer visitar à Estação Ecológica Serra Geral do Tocantins e a fazendas da região, uma camionete L200, estava frequentemente estragada, e o campus, em restrição orçamentária, não tinha condições de liberar o veículo com auxílio do combustível. Por outro lado, apesar de termos feito um curso de drone junto ao SENAR no IFTO em fevereiro de 2023, não foi possível utilizar o drone Phantom II do campus porque houve seguidos problemas de conexão com os aplicativos de nossos telefones *androids*. Não conseguimos fazer então a conexão necessária para operacionalizar o drone disponível, e os servidores que poderiam nos auxiliar não conseguiram arranjar tempo em suas cargas horárias para integrar as atividades. Dessa forma, as duas baterias compradas com o recurso do Cartão Pesquisador não foram usadas no projeto, mas foram integradas ao patrimônio do campus e poderão ser utilizadas em projetos e outras atividades institucionais que façam uso de drones.

No mês de março, o grupo do projeto realizou reuniões no IFTO e atividades de pesquisa em Novo Jardim e Dianópolis, com a aplicação de questionários semi-estruturados junto às artesãs do capim dourado, com entrevistas que foram gravadas e transcritas pelos bolsistas. Nesse período, organizamos a atividade científico-cultural mais significativa e de maior alcance social do projeto, a organização de uma exposição fotográfica no Museu Municipal de Dianópolis sobre o artesanato de capim dourado das Serras Gerais, tendo como base uma pesquisa sobre a história e memória desse ofício nas Serras Gerais, principalmente em Dianópolis, e considerando a experiência de pesquisa e extensão acumulada em outros projetos do IFTO – Dianópolis (Lima Jr; Pessoa; Souza, 2021). A exposição teve patrocínio do SEBRAE e o apoio de diversas instituições, como prefeituras, associações, empresas e escolas da região, além de diferentes pessoas físicas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A exposição “Gerações do Capim Dourado”, inserida no âmbito da reabertura do Museu Municipal de Dianópolis, apresentou a diversidade de pessoas e personagens envolvidas no artesanato de capim dourado das Serras Gerais. As fotografias da coleta realizadas em 2022 moldaram o quadro das peças que representam a identidade das associações de artesanato de Dianópolis, Novo Jardim e Rio da Conceição. Assim como no Jalapão, nas Serras Gerais a técnica de costura do capim com a seda do buriti é praticada há mais de 100 anos. Segundo relatos orais, o artesão Seu Teté, de Dianópolis, ficou conhecido pela confecção de chapéus usados pelas pessoas do campo na lida da roça e nos festejos religiosos, como a Romaria das Missões, no antigo aldeamento dianopolino homônimo, a cerca de 12km da sede da cidade. O povoado Contagem, distante 10 km da cidade (figura 2), foi igualmente um centro de referência no capim dourado, apresentado em Goiânia ainda nos anos 1980, segundo relatos de moradores do povoado e de pessoas envolvidas com o turismo no estado do Tocantins, como a ex-secretária Maria da Penha Faria (atualmente residente em Barreiras - BA).

Figura 2 – Entrevistas com moradores do povoado Contagem (Dianópolis - TO)



Fonte: Acervo do autor (Rafael Trapp)

O artesanato de capim dourado é uma técnica de produção de objetos decorativos, utensílios e joias que utiliza as finas hastes da sempre-viva *Syngonanthus nitens* (Schimdt, 2005; Fagundes, 2019). Também chamada de “capim-vereda” ou “capim-ouro”, a planta ocorre em várias regiões do cerrado brasileiro, principalmente nas veredas e campos úmidos do Jalapão e das Serras Gerais. Com significativo apoio do SEBRAE e do Estado do Tocantins entre as décadas de 1990 e 2010, essa cultura artesanal se tornou uma importante

atividade econômica dessas regiões, e, desde 2009, possui reconhecimento como bem de valor cultural e patrimônio histórico do Tocantins.

A delicada costura das peças começa com a coleta do capim, que deve ser feita no Gerais entre setembro e outubro, período demarcado pela legislação ambiental seguindo o calendário definido pela Naturatins. Na exposição, pode-se acompanhar a arranca do capim realizada em outubro de 2022 por coletores e artesãs de capim dourado do município de Novo Jardim, nas campinas alagadiças preservadas das margens do Rio Palmeiras e do Ribeirão Orocal, na Fazenda Morro Branco. As imagens utilizadas ilustram as dificuldades e, ao mesmo tempo, a beleza desse processo, além de destacarem a grandiosidade da natureza do cerrado tocantinense na região Sudeste.

A proposta da exposição “Gerações do Capim Dourado”⁶ consistiu em valorizar o trabalho artesanal das pessoas – principalmente das mulheres – das Serras Gerais e reconhecer o papel dos povos do cerrado na construção da história e da cultura popular. Como indicam as evidências documentais disponíveis em pesquisas científicas, o artesanato de capim dourado tem provável origem nas interações entre indígenas e quilombolas da vasta região localizada entre o Jalapão e as Serras Gerais do Tocantins, no final do século XIX e início do século XX (Carvalho, 2021). Conforme a figura 3, a exposição buscou levantar essa discussão para auxiliar o Museu Municipal de Dianópolis a abrir suas portas para a memória de um território marcado pela diversidade.

Figura 3 – Imagens da exposição no Museu de Dianópolis

⁶ Cf. matérias de divulgação da exposição na imprensa tocantinense: <<https://gazetadocerrado.com.br/cultura-e-historia-museu-e-reaberto-em-dianopolis>>, <<https://conexaoto.com.br/2023/04/20/prefeitura-de-dianopolis-reabre-museu-municipal>>, e ainda <<https://museumunicipalmanoelairescavalcante.wordpress.com>>.

Dia dos Povos Indígenas

19 de abril de 2023
15h30
Exposição
"Gerações do Capim Dourado"
Reabertura do Museu de Dianópolis

16h30
Roteiro Dianópolis Indígena
Caminhada por lugares de memória dos povos originários
Museu - Casa Dourada - Mina das Tapuias - Praça da Capelinha

 INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
TOCANTINS
Campus Dianópolis







Fontes: acervo do autor (Rafael Trapp)

A partir da exposição, instrumento pelo qual fortalecemos vínculos com as artesãs e as outras instituições e entidades integrantes, alcançamos maior conhecimento sobre sua realidade sócio-produtiva por meio de entrevistas semi-estruturadas, que foram feitas até o final do projeto. Em maio e nos meses seguintes, devido ao fato de que não conseguimos manejar o drone do campus, nos dedicamos a continuar a pesquisa em bibliografia sobre as condições históricas e sociais do artesanato das Serras Gerais e fizemos entrevistas em Novo Jardim (com artesãs da Associação Dourada), em Contagem e no bairro Cavalcante (Dianópolis) e em Palmas. Conversamos com algumas pessoas que ocupam posições-chave na cadeia produtiva de seus contextos econômicos locais. Além disso, em 23 de abril, logo após o Encontro dos Servidores do IFTO, em Pedro Afonso, fizemos (o coordenador, em carro próprio) uma visita à aldeia Boa Esperança, na Terra Indígena Xerente de Tocantínia, buscando informações sobre as origens do capim dourado nas Serras Gerais. Não foi permitido fazer fotografias ou gravações da conversa que tivemos com o cacique, mas obtivemos pistas para pesquisas futuras, principalmente sobre os trânsitos culturais xerentes entre a região ancestral dos aldeamentos do Duro (atual Dianópolis) e a área da terra indígena consolidada no norte do estado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora tenhamos tido limitações técnicas que nos desviaram dos temas e objetivos iniciais (relação entre fogo e produção econômica do artesanato), tivemos resultados muito expressivos em termos de difusão social e produção de conhecimento científico sobre o artesanato de capim dourado das Serras Gerais do Tocantins, culminando em uma importante

exposição no Museu Municipal de Dianópolis, descrita acima. No que diz respeito ao conhecimento sobre a cadeia social e produtiva do artesanato, constatamos que as artesãs (sobretudo de Novo Jardim) expressam grande preocupação quanto à sustentabilidade e viabilidade econômica de manutenção de seu ofício, e também na inclusão socioprodutiva e para servir como exemplo positivo em Novo Jardim de geração de renda e trabalho com o uso dos recursos humanos, das referências culturais e dos bens naturais da própria região.

Ao mesmo tempo, viu-se que a atividade cria no território a consciência da riqueza e da beleza do cerrado e dos significados socioculturais de sua preservação e conservação. Observou-se que a atividade é um negócio rural inclusive porque traz oportunidade de renda e trabalho para pessoas que até pouco anos atrás não tinham muitas alternativas de trabalho autônomo e independente na sua própria localidade de nascimento e pertencimento. As mulheres geralmente ficavam restritas ao universo do lar, dividindo a criação dos filhos com os cuidados da casa e do trabalho na roça. O artesanato do capim dourado possibilita um sustento que reposiciona as mulheres na estrutura da economia familiar, oferta mais recursos financeiros ao orçamento das famílias e dá maior flexibilidade à rotina laboral das mulheres, aumentando a força desse grupo na sociedade e no próprio lar.

As artesãs (particularmente de Novo Jardim) relatam uma série de demandas, como:

- A necessidade de captar recursos para que o trabalho seja mais consistente e seguro economicamente, e que haja maior facilitação técnica e financeira de acesso às matérias-primas e aos mercados consumidores. Mesmo com a coleta de capim entre setembro e outubro no Gerais do Rio Palmeiras, no caso de Novo Jardim, momento de grande relevância para a Associação, há grandes dificuldades de acesso das coletoras às veredas para conseguir o capim dourado, bem como há poucos conhecimentos técnicos na área de vendas, principalmente pela internet;
- A necessidade de fazer com que as mulheres jovens do município se interessem pelo artesanato e vejam nele uma fonte rentável de trabalho para seu sustento e de suas famílias. Assim como acontece em outros lugares do Tocantins, é bastante difícil atrair e convencer a juventude sobre a viabilidade econômica e a lucratividade do artesanato. As artesãs manifestam o desejo de mudar esse quadro e seu exemplo ser uma experiência pioneira nas Serras Gerais no objetivo de modificar a mentalidade social para a promoção autônoma da economia criativa local;

- A necessidade de ajudar as escolas públicas, os pesquisadores do IFTO, as fazendas interessadas e a Naturatins na missão de espalhar na sociedade de Novo Jardim e região a mensagem da sustentabilidade ambiental, considerando aquele que é um dos pilares mais importantes de sua atuação profissional e constitui o coração de sua sobrevivência econômica.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao SEBRAE-TO, Associação Dourada (Novo Jardim), Associação Dianopolina de Artesãos (Dianópolis), Associação Encantos do Rio (Rio da Conceição), Fazenda Morro Branco (Novo Jardim), Prefeitura de Dianópolis, Prefeitura de Novo Jardim, Colégio Abílio Wolney (Dianópolis), Naturatins (Dianópolis), Comissão de Patrimônio Histórico, Cultural e Natural do IFTO (Dianópolis) e Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas do IFTO (Dianópolis). Agradecemos ao IFTO pelo fomento e apoio para a execução do projeto que possibilitou a realização desta pesquisa através do Edital 77/2022 de apoio à pesquisa aplicada.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, J. C. **Capim dourado: artes do cerrado e as cosmopolíticas quilombolas.** Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, 2021.

FAGUNDES, G. M. **Fogos Gerais: transformações tecnopolíticas na conservação do cerrado (Jalapão, TO).** Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

LIMA JR., W. R.; PESSOA, M. N.; SOUSA, V. R. Levantamento histórico e material do Museu Municipal Manoel Aires Cavalcante de Dianópolis – TO. *In: JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E EXTENSÃO DO IFTO*, 12., 2021, Palmas. **Anais [...]**. Palmas: IFTO. Disponível em: <https://propi.ifto.edu.br/ocs/index.php/jice/12jice/paper/viewFile/10338/4692>. Acesso em: 28/08/2023.

SCHMIDT, I. B. **Etnobotânica e ecologia populacional de *Syngonanthus nitens*: “sempre-viva” utilizada para artesanato no Jalapão, TO.** Dissertação (Mestrado em Ecologia) – Universidade de Brasília, 2005.